

A Caçadora

do Rei

Nathalia Scacciotto Harri

1ª edição, 2022

www.nathaliasharri.com

@naty.scacci.harri

Capa: Fernanda Fernandez

Revisão: Júlia de Macedo

Diagramação: Imaginare Diagramações

Copyright © 2022 de **Nathalia Scacciotto Harri**

Todos os direitos reservados. Este livro ou qualquer parte dele não pode ser reproduzido ou usado de forma alguma sem autorização expressa, por escrito, do autor ou editor, exceto pelo uso de citações breves em uma resenha do livro.

Classificação +18: Conteúdo de natureza sexual, violência

Prólogo

Há quem diga que o tempo pode curar qualquer coisa, que o que quer que atormente alguém, eventualmente vai embora. Ele era conhecido por acabar com toda e qualquer dor, mas o que aconteceria se seguir em frente não fosse o suficiente? O que aconteceria se, depois de um longo tempo tentando vencer a agonia, o passado retornasse?

O futuro era o que verdadeiramente andava de mãos dadas com o destino, mas, eventualmente, o passado também poderia oferecer uma nova chance. Por vezes, o próprio destino via que as coisas não estavam acontecendo como deveriam, e por mais que tentasse corrigir o curso desvirtuado, nem sempre era possível.

Todos nasciam com um plano a ser traçado, mas como chegariam ao resultado esperado era uma jornada própria, e mesmo a menor das decisões poderia deturpar o rumo a tomar.

Havia acontecimentos que nem o destino era capaz de prever.

Sendo o destino obstinado, desejando o desfecho do jeito que havia projetado, a oferta de uma segunda chance aparecia. Não existia o desejo de um final desafortunado, por isso os merecedores se viam com a possibilidade de mudança.

Somente uma oportunidade podia ser oferecida a cada pessoa, e somente o destino daqueles que a envolviam poderia ser modificado. Ainda assim, a perspectiva de fazer as coisas do jeito certo era inspiradora, e permitia a muitos que vivessem mais alegremente diante da oferta de um recomeço.

Contudo, para que uma história pudesse ser reescrita, era necessário se desligar do passado. Infelizmente, algumas feridas eram difíceis de curar, e pareciam ainda mais impossíveis quando o caminho tomado acabava sendo ainda mais distante do que deveria.

Ao invés do recomeço planejado pelo destino, uma fuga do passado podia iniciar com aquela nova chance; contudo, era realmente possível escapar dele? E se o futuro e o destino estivessem diretamente atrelados ao passado, seria possível uma evasão?

Muitos acreditavam que se mantendo longe do passado, o futuro poderia ser reescrito, permitindo um resultado completamente diferente. Outros diziam que podiam correr o quanto quisessem, pois o passado e o destino também andavam de mãos dadas. Eram todos grandes aliados.

Eles podiam demorar para encontrar aqueles em fuga, mas, no fim, eram sempre alcançados.

Principalmente aqueles que estavam destinados a se encontrar.

Capítulo 1

— **E**u não vou pagar por um treinamento sem primeiro ter certeza se vale a pena.

A fila para sentar naquela cadeira estava grande, e apesar de muitos parecerem impacientes, o mago demonstrava não ter pressa.

— E, aliás, se você pode sair no sol, como já ouvi vários dizendo que pode, por que esse encontro está sendo realizado em um subsolo sem janelas?

Garissa olhava para o homem sem saber realmente o que responder, aquele era o quinto grupo de treinamento que começava, e em nenhuma das entrevistas que realizou, o entrevistado trocou os papéis. Naquele momento, o homem que procurava por uma especialização se transformou no responsável pelas perguntas.

— Por que está aqui?

— Porque ouvi dizer que o treinamento é bom. Fiquei *razoavelmente* interessado. É possível que você tenha uma coisinha ou outra para me ensinar.

— Então você veio atrás de treinamento, mas espera que eu prove que tenho algo a ensinar?

— Exatamente! — retrucou ele, e era possível ver em sua expressão como estava confiante, certo de sua exigência. — Quem me garante que seus outros grupos não foram de amadores? Se for bem sincero, eu vim por curiosidade mesmo. Duvido que tenha algo para me ensinar.

Aquela era uma parte com a qual ela não estava preparada para lidar, principalmente porque não tinha paciência para aquele tipo de pessoa.

— Caia fora daqui.

Ele pareceu chocado.

— Como ousa falar assim comi...

Antes que ele terminasse, ela deu um pulo por cima da mesa e o agarrou pelo pescoço, o prensando contra a parede com as garras pinicando sua garganta e abrindo um pequeno furinho diretamente em uma veia. A expressão carrancuda em seu rosto se modificou e se transformou em um sorriso quando sentiu que ele tentava usar magia. Aqueles eram momentos em que ela tinha que agradecer a Drilia.

— Sabia que existem maneiras de neutralizar a magia de um adversário? Acredito que não, pois apesar de sua ousadia, ainda é uma criança — disse, bem próxima ao ouvido dele. — Se você tem tempo a perder, saiba que eu não. Há muita gente do lado de fora que sabe por que está aqui, não preciso de pirralhos mimados que se acham bons. Agora, aconselho que vá logo embora, antes que eu mesma o tire daqui.

Ela o soltou e caminhou até a porta, abrindo-a e esperando que ele saísse, mas sua impaciência havia retornado. Sentia que ele tentava usar os poderes mais uma vez, mas a magia que Drilia havia colocado em seu sangue era antiga e poderosa. Quando suas garras entraram em contato com o sangue dele, neutralizaram todos os poderes do mago. Ele ficaria por algumas horas sem conseguir conjurar nada.

O mago a encarou enraivecido antes de sair, e recebeu olhares duros de todos que aguardavam na fila para falar com Garissa. Ele saiu da taverna onde os encontros eram realizados e seguiu para longe, não precisava de treinamento nenhum, ele era bom sozinho!

Garissa teve outro longo dia de entrevistas, e ao fim sentou ao balcão da taverna e pediu um hidromel. Fazia dez anos que começara com aqueles treinamentos, se dedicava por um ano a ensinar aqueles que queriam se tornar caçadores ou guerreiros, e depois tirava um ano para focar em suas caçadas e viajar um pouco. Percorria lugares distantes em busca dos mais diferentes itens, sendo algumas caçadas bastante elaboradas e, conseqüentemente, desafiadoras. Eram suas favoritas.

Quando não estava em suas caçadas, estava em Fhanolár. Havia firmado residência ali, um gigantesco reino misto onde viu a oportunidade de começar aquele negócio, que estava dando mais certo do que imaginou.

O treinamento conseguia ocupar sua mente, que mesmo depois de tantos anos, teimava em voltar para onde não devia.

Cem anos haviam se passado. Cem longos e sofridos anos em que teve que reaprender a viver sozinha, assim como lidar com a ausência daquele que tanto havia mudado sua vida.

Ela procurava não pensar muito nele durante o dia, ter Sagni em sua mente somente atrapalhava suas ideias e a levava de volta para o fundo do poço que foi o começo daquele afastamento. Se tinha uma coisa que ela não podia dizer, era que os primeiros anos foram fáceis.

Não poderiam ter sido piores.

Garissa também procurava ficar fora de qualquer notícia sobre qualquer reino, pois descobriu que Monterúm era grande o bastante para que fosse conhecido até mesmo àquela distância. Havia um vasto oceano entre eles, e, ainda assim, as notícias do outro lado percorriam toda sua extensão e chegavam até ali.

Até ela.

Porém, aquela decisão se estendia para o fato de que não queria se envolver com nenhum outro reino, e exatamente por esse motivo começou a ter problemas onde estava morando.

Depois de algum tempo ali, soube que seu nome já era conhecido por Mankhír, o rei de Fhanolár, mas ele nunca havia gerado nenhuma preocupação. Ela realizava várias caçadas para ele, mas todo o contato era através dos guerreiros do reino, permitindo que mantivesse a distância e privacidade que tanto desejava.

Durou por algum tempo, mas não foi o suficiente.

Ela vinha se esquivando de um convite para visitar o palácio e ter uma audiência com o rei, que por algum motivo desconhecido, parecia determinado a conhecê-la.

O pior de tudo era saber que a culpa era dela, pois seus resultados eficientes nas caçadas, assim como a rapidez com que as realizava, obviamente chamariam atenção. Devia ter sido mais cautelosa.

Não se deu ao trabalho de tentar descobrir o que ele queria, sempre que via os guerreiros em busca de alguém, se escondia. Não estava disposta a brincar com

a sorte e acabar cara a cara com o rei, e por isso muitas vezes se comportou como um fantasma na cidade, começando a até mesmo considerar uma mudança.

Aquela era uma das noites em que os homens do rei pareciam decididos a encontrá-la, pois rodearam o dia inteiro a taverna onde realizou as reuniões. Naquele momento, depois de a noite cair e ela finalmente poder desfrutar um pouco de tranquilidade, teve que se colocar novamente em fuga.

Terminou seu hidromel com um gole e foi para o segundo andar da taverna, o taverneiro já a conhecia bem o bastante para não se importar, sabia que ela somente queria uma saída que a tirasse da mira dos homens do rei.

Garissa foi para cima do telhado da taverna e deu um salto distante, seguindo para longe dali, mas quando chegou em sua casa percebeu que estava sendo vigiada. Bufou impaciente e saiu da cidade, tinha que dar um jeito nos homens do rei!